

# OBJETOS DE UTILIDADE PRÁTICA PARA O ENSINO ELEMENTAR: museus pedagógicos e escolares em debate

Vera Lucia Gaspar da Silva<sup>1</sup>

Gizele de Souza<sup>2</sup>

## Resumo

Os Museus Pedagógicos e Escolares tiveram nas Exposições Universais espaços modelares de inspiração e os produtos ali expostos prometiam aliar quem os tinha à modernidade tão almejada na virada de século XIX e início do XX. Grande parte dos objetos com estas funções materializaram progressos tecnológicos importantes que irão estabelecer um vínculo nada desprezível entre a escola, a indústria e a inovação tecnológica. Divulgados e comercializados nas Exposições os apetrechos materiais assumem uma “utilidade prática no ensino elementar” (O Paiz/RJ, 15/05/1890, p.3) que, além de apoiar a atividade pedagógica também educa para o consumo de produtos industrializados. São ardósias, penas, livros, quadros parietais, carteiras modernas, “mapas de todas as nações do globo, fotografias dos edifícios das principais escolas da Europa e América, esferas, instrumentos de química, física e astronomia, bustos, estampas, coisas naturais e artefatos humanos, figuras geométricas e trigonométricas, uma infinidade de pinturas a crayon, nanquim, aquarela e óleo...” (idem). Um conjunto de objetos, que utilizados como “condutores de uma suposta modernidade” (SCHRIEWER, 2000), corroboram em um processo de debates acerca dos modelos de escolarização para a infância. O presente estudo aposta na análise deste repertório material vinculado aos museus pedagógicos e escolares, utilizando-se como base empírica, principalmente os artigos de imprensa periódica brasileira, com vistas a dar inteligibilidade aos debates e representações (CHARTIER, 2002) sobre a provisão material, bem como sobre os próprios sentidos atribuídos aos museus como espaços de educabilidade e, neste caso, de popularização de artefatos tecnológicos.

Palavras-chave: cultura material escolar; museus pedagógicos; museus escolares; objetos para o ensino.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com estágio na Universidade de Lisboa, em Portugal. Realizou estágio de pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Contato: vera.gaspar.udesc@gmail.com

<sup>2</sup> Professora no Setor de Educação da UFPR, integra a Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação (PPGE-UFPR). Coordena o NEPIE - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil. Atuou como professora visitante na *Università degli Studi di Firenze* (Itália - 2014). Participa como parecerista de vários periódicos nacionais da área de educação e atua no comitê científico da Editora Franco Angeli em Milão-Itália, da Edizioni Junior em Bergamo/Itália. Contato: gizelesouza@ufpr.br

## Abstract

Pedagogical and School Museums had, in the Expositions Universelles, model spaces of inspiration, and the products exhibited there promised to ally he who had them to modernity that was highly desired in the turn of the nineteenth century and in the early twentieth century. A lot of the objects with these functions materialized important technological developments that will establish a considerable link between schools, industry and technological innovation. Marketed and sold in the Exposition, the objects gain a "practical use in elementary school" (O Paiz/RJ, 15/05/1890, p.3) that, in addition to supporting the educational activity, also educates for the consumption of industrialized products. They are slates, pens, books, wall paintings, modern desks, "maps of all the nations of the globe, photographs of the buildings of the main schools of Europe and America, spheres, chemistry, physics and astronomy instruments, busts, prints, natural things and human artefacts, geometric and trigonometric figures, countless crayon, ink, watercolour and oil paintings... " (idem). A set of objects that, used as "drivers of a supposed modernity" (SCHRIEWER, 2000) corroborate in a process of discussions about schooling models for children. This study focuses on the analysis of this material repertoire linked to pedagogical and school museums, using as empirical basis mainly articles from Brazilian newspapers, in order to give intelligibility to debates and representations (CHARTIER, 2002) on the material provision, as well as on meanings attributed to museums as teaching spaces, and, in this case, spaces of the popularization of technological artifacts.

Keywords: material school culture; pedagogical museums; school museums; objects for teaching.

## Introdução

A constituição da escola primária pode ser investigada e compreendida por diferentes vias: a composição material é uma delas. Já temos acumulado uma significativa produção na área que permite afirmar que, ainda que se tenha difundido uma proposta de escola de caráter comum em itens como organização administrativa, formação de professores e conteúdos curriculares, a operacionalização dos projetos dá-lhes constituição material diferente, particularmente em função do público a que se destina (VEIGA, 2015). Ainda que este seja um indicativo já aceito, as diferentes composições materiais das escolas continuam merecendo atenção. Intentamos aqui centrarmos nos **"objetos de utilidade prática para o ensino elementar"** que chegam nas ou passam a compor as escolas através dos **Museus Pedagógicos e Escolares**, os quais têm nas Exposições Universais um forte vetor de difusão. Nossa aposta é de que o aprofundamento das análises nesta direção ajude na compreensão sobre o uso e a popularização de artefatos tecnológicos que integram o repertório material da escola brasileira, do final dos oitocentos e anos iniciais dos novecentos, dedicada à infância.

Como base empírica recorre-se, principalmente, a artigos de imprensa periódica brasileira, com vistas a dar inteligibilidade aos debates e representações (CHARTIER,

2002) sobre a provisão material, bem como sobre os próprios sentidos atribuídos aos museus como espaços de educabilidade. Lança-se mão também de parte da produção dedicada a área, que tem revelado dados fundamentais para compor este quadro.

Este texto está organizado em quatro itens. Iniciamos discutindo a obrigatoriedade escolar e a sincronia deste movimento ao desenvolvimento da indústria. Na sequência, articula-se um conjunto de informações e reflexões sobre as Exposições Universais e a presença em seu interior de propostas e materiais para compor os Museus Pedagógicos e Escolares, a partir dos quais um conjunto de objetos de utilidade prática para o ensino elementar é recomendado. Trata-se, de um conjunto de objetos que portam tecnologias que serão agregadas às escolas e nelas se farão úteis.

### **Da obrigatoriedade escolar x desenvolvimento da indústria**

As leis de obrigatoriedade escolar, articuladas ao desenvolvimento da indústria que começa a produzir em larga escala, fazem surgir um mercado bastante atraente e promissor. Elemento da vida social quase naturalizado ao longo dos anos, o acesso e a frequência escolar são processos que se constituem em meio a grandes e longos debates e que alteram significativamente a vida das famílias e das crianças. No Brasil,

O primeiro registro a que se teve acesso data de 1823, quando ficou determinada pela Carta Constitucional de 11 de dezembro<sup>3</sup> (Art. 179, item XXXII) “[...] a Instrução primária, e gratuita a todos os Cidadãos. Este “invento social<sup>4</sup>” vai implicar a instalação de uma instituição social balizadora, que filtra, nivela, agrega, integra ou exclui, instigando novas funções sociais que supõem novas demandas materiais (GASPAR da SILVA; VALLE, 2013, p. 303).

A instalação deste “invento social” se dá em quadros de disputas e tensões. Para António Nóvoa, a escola se torna um

(...) componente essencial do Estado-nação e de um *ideal* de sociedade produzido e difundido, sistematicamente, por uma série de atores e agências. Ele não é fruto do acaso ou de um processo imprevisível. Ao contrário, é o resultado da conjugação de vários esforços, conduzidos por intelectuais, homens de Estado e educadores (NÓVOA, 2006, p. 197)<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm)> Acesso em: 29 set. 2016.

<sup>4</sup> Do original: Apropriamo-nos aqui da expressão utilizada por José Gimeno Sacristán (*A Educação Obrigatória: seu sentido educativo e social* (Jussara Rodrigues, Trad.) Porto Alegre: Artmed Editora, 2001).

<sup>5</sup> Tradução livre. No original “... composante essentielle de l’État-nation et d’un *idéal* de société qui a été produit et diffusé, systématiquement, par toute une série d’acteurs et d’agences. Elle n’est pas le fruit du

No caso brasileiro temos no Quadro 1, a seguir, o registro sobre a aprovação das leis de obrigatoriedade escolar, as quais, além de reorganizar a vida social da infância e de suas famílias (ainda que isto se dê de forma lenta e gradativa) fazem surgir um comércio cada vez mais promissor e agressivo de consumo de construções e artefatos escolares.

Quadro 1 - Leis de Obrigatoriedade Escolar no Brasil

Província	Ano de Aprovação da Lei
Minas Gerais	1828 (em Mariana) e 1835 na Província e Minas Gerais
Goiás	1835
Ceará	1837
Piauí:	1845
Rio de Janeiro	1849 no Município neutro da Corte e no RJ em 1854
Grão Pará	1851
Paraná	1854
Maranhão	1854
Pernambuco	1855
Amazonas	1858
Sergipe	1858
Paraíba	1860
Rio Grande do Sul	1871
Espírito Santo	1873
Santa Catarina	1874
São Paulo	1874
Alagoas	1876
Mato Grosso	1880
Bahia	1889 <sup>6</sup>
Rio Grande do Norte	1916

Fonte: Organizado pelas autoras com base em dados publicados no livro *Obrigatoriedade Escolar no Brasil* (VIDAL; SA; GASPAR, 2013).

A instalação desta instituição, a escola, pressupõem o uso de tecnologias e o ensino de modos de operá-las. Para a instalação de escolas serão criados projetos e normativas,

---

hasard ou d'un processus imprévisible. Bien au contraire, elle est le résultat de la conjugaison de plusieurs efforts, menés par des intellectuels, des hommes d'État et des éducateurs..." Nóvoa (2006, p. 197).

<sup>6</sup> Dado localizado na dissertação de Mestrado, apresentada ao de Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia por SHIRLEY ALVES DA SILVA VINAGRE, no ano de 2014, com o título A OBRIGATORIEDADE ESCOLAR NA BAHIA (1870-1899). Disponível em <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/1105151510.pdf>. Acesso em 25/08/2016.

prescrevendo "modos e formas" de instalar, apoiados em geral em preceitos higienistas e sanitaristas e defendidos como elementos capazes de sintonizar ao progresso.

A educação escolarizada passa, rapidamente, a integrar o cardápio dos itens considerados de capital importância cada vez mais comuns nos rankings das nações. Com apoio em reflexão de Diana Vidal (2009), destacaríamos aqui o papel singular de duas ciências que oferecerão ferramentas para aferir, produzir dados e interpretá-los, a estatística e a educação comparada, usados "como estratégia de convencimento utilizada pelo discurso político do final do oitocentos" (VIDAL, 2009, p. 41). É interessante ver o quanto a estatística escolar vai ampliando seus itens quantificáveis, inicia com os sujeitos escolares e vai acolhendo, ao longo dos anos, um conjunto de itens materiais (prédios, mobiliários, material didático). Estas formas de aferição, de aperfeiçoamento dos processos educativos e promessas de alcance do progresso se materializam num conjunto de artefatos que ganharão as vitrines das Exposições Universais. "(...) como a modernidade educativa foi sendo reinventada, a partir de um signo de progresso que associava desenvolvimento científico e educativo à ampliação material da escola". (VIDAL, 2009, p. 43). A racionalidade do projeto educativo prevê itens como: formação específica para os docentes e em lugares especialmente destinados para tal - a Escola Normal; organização de um aparato jurídico de imposição da matrícula e mais tarde da frequência escolar; organização da oferta com a construção de prédios; aquisição de um conjunto de artefatos materiais necessários ao fazer docente. As Exposições Universais, vitrines dos produtos industrializados que cada vez mais se integram ao cotidiano, perceberam logo o filão e criaram espaços especialmente dedicados à apresentação e comercialização de um conjunto de objetos para as escolas.

### **Das Exposições Universais ou "grande bazar da indústria humana"<sup>7</sup>**

Segundo Moysés Kuhlmann Jr., a partir da Exposição Universal de Paris de 1855 já se identificam entre os produtos expostos itens como:

(...) mobílias e livros didáticos no grupo das indústrias relacionadas à ciência e ao ensino. **Mas foi em 1862** que o tema passou a ganhar um relevo específico. Desde então, a educação obteve cada vez mais destaque, chegando a ocupar espaços privilegiados nessas mostras, obtendo, em algumas delas, o prestígio de ser posta como o primeiro grupo na ordem de classificação. (KUHLMANN Jr., 2001, p. 30-31, grifo nosso)

---

<sup>7</sup> Esta expressão consta em matéria publicada sobre a Exposição de Londres (1851) no jornal *O Farol*. Caxias, 27 de setembro de 1851, ano II, n.74, p.4.

A constatação de Moysés Kuhlmann sobre o destaque a partir de 1862 para a temática educacional se ancora no extenso relatório do conselheiro Carvalho Moreira – documento este produzido na condição de presidente da comissão brasileira para a Exposição de Londres - no qual expõe o ineditismo deste “concurso industrial” de 1862. Nas palavras de Moreira o ineditismo foi marcado pela “aparição em corpo dos objetos destinados ao ensino entre os produtos da indústria” (MOREIRA, 1864, p.3)<sup>8</sup>. Carlos Moreira nos informa ainda que em Exposições anteriores já se visualizava a presença de livros de ensino, porém compreendia que a presença dos livros era “mais para significar um melhoramento qualquer na arte tipográfica e os primores de encadernação, do que a sua aptidão para os fins a que se destinavam” (idem, p.3).

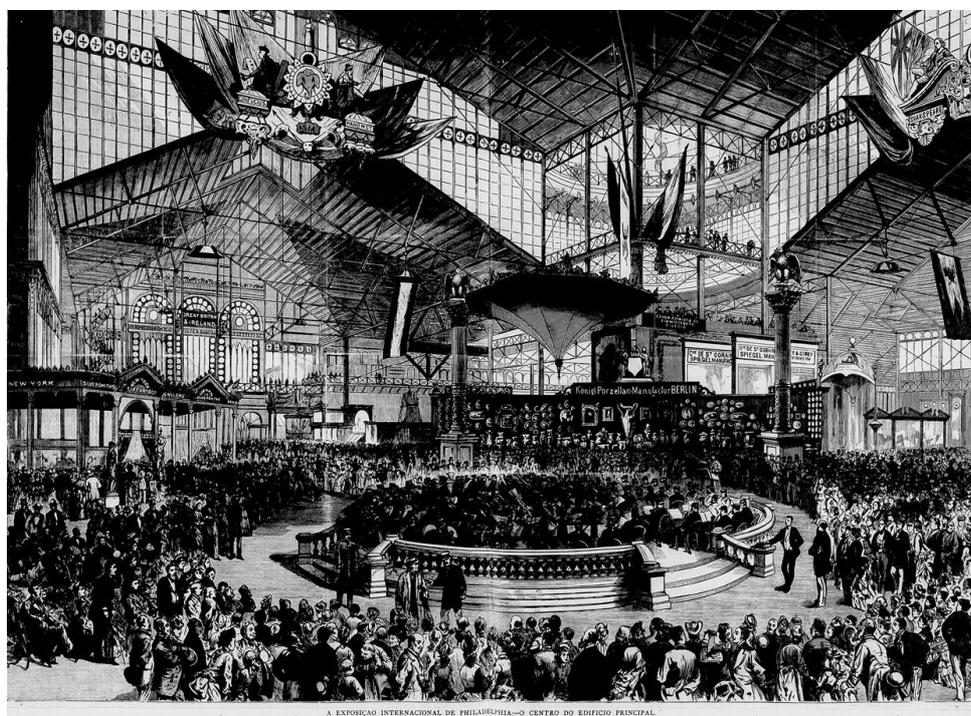


Imagem 1 - Gravura do ambiente interno do Edifício Central da Exposição de Filadélfia (1876).  
Fonte: *O Novo Mundo*. New-York/Rio de Janeiro, 24 de junho de 1876, n.69, p.194-195.

As Exposições Universais, ou nas palavras do então conselheiro Carvalho Moreira “concurso industrial”, simbolizam o que se pode encontrar de consenso na literatura da área que trata do tema, como as “vitrines da modernidade” e “palcos do progresso” e condensariam, nos produtos expostos, o estado de avanço das nações, o desenvolvimento tecnológico e a construção do gosto (ou consumo) moderno. Vale a

<sup>8</sup> Este relatório foi transcrito e publicado no Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em vários dias no decorrer de março de 1864. O fragmento aqui exposto encontra-se publicado no dia 25 de março de 1864, ano XLIV, n.83.

pena retomar uma passagem<sup>9</sup> com a qual Sandra Pesavento abre seu livro "Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX".

Com que espírito é preciso visitar a Exposição? É preciso vê-la com o mesmo espírito que presidiu a sua organização: é preciso vê-la para se instruir e para se divertir. Ela é para todo mundo, para todas as idades, para os sábios, assim como para os menos instruídos, uma incomparável 'lição de coisas'. O industrial aí encontra os modelos dos quais ele saberá aproveitar. O simples passante aí toma uma idéia geral e suficiente das maravilhas, sempre em progresso, da indústria moderna. Um pode aí encontrar o caminho da fortuna, pelo estudo dos processos aperfeiçoados de fabricação; outro aí encontra, com os objetos usuais colocados sob seus olhos, a satisfação econômica do seu gosto. (Apud PESAVENTO, 1997, p. 13)

Inserindo-se como tema e item das exposições a educação se consagra, também, como expressão do progresso tecnológico. Vale a pena visualizar o quadro abaixo (n.02) que apresenta uma cronologia das Exposições Internacionais. Iniciativas locais, ainda que tenham sido uma espécie de embrião deste tipo de evento, anteriores a 1851 e posteriores a 1922, não foram aqui computadas. Entendemos que é o ciclo abaixo o que tem merecido atenção quanto ao tema de que nos ocupamos aqui. Vejamos:

Quadro 2 - Exposições Internacionais

Ano	Cidade	País
1851	Londres	Inglaterra
1855	Paris	França
1862	Londres	Inglaterra
1865	Porto	Portugal
1867	Paris	França
1873	Viena	Áustria
1876	Filadélfia	Estados Unidos
1878	Paris	França
1879	Sidney	Austrália
1880	Melbourne	Austrália
1882	Buenos Aires	Argentina
1883	Antuérpia	Bélgica
1884	Nova Orleães	Estados Unidos
1888	Barcelona	Espanha

<sup>9</sup> Texto retirado do Guide Bleu du Figaro et du Petit Journal. Paris. Exposition de 1889, p. 5. In.: PESAVENTO, Sandra Jathay. *Exposições Universais: Espetáculos da modernidade do Século XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, p. 13, 1997.

1889	Paris	França
1893	Chicago	Estados Unidos
1897	Bruxelas	Bélgica
1900	Paris	França
1904	Luisiana	Estados Unidos
1906	Milão	Itália
1910	Bruxelas	Bélgica
1915	S. Francisco	Estados Unidos
1922	Rio de Janeiro	Brasil

Fonte: Organizado pelas autoras com base em Kuhlmann Júnior, 2001, p. 10, e demais fontes bibliográficas e jornais, como: *O Publicador*. Exposição Industrial, 22/maio/1866, ano V, n.1109, p.3-4.

A circulação e regularidade das Exposições atestam sua aceitação e indicam sobre investimentos que os países fizeram para se colocarem no lugar de portadores de grandes novidades, seja por sediá-las, seja por nelas expor produtos. Os jornais de circulação à época das Exposições Universais teciam seus posicionamentos acerca da função e visibilidade destes grandes eventos. Afirmava-se em matéria da imprensa nos anos sessenta do século XIX que “a exposição é um dos meios de progresso reconhecido pelas nações” consideradas “cultas” (*O Publicador*, 1866, p.3) e que a história dessas Exposições seria “brilhante, não só pela ideia grandiosa que encerra, como pelo seu sempre crescente desenvolvimento” (idem, p.3). Representações (CHARTIER, 2002) distintas circulavam nos jornais sobre estes eventos internacionais. *O Farol*, ao se referir à Exposição de Londres de 1851, a caracterizou como um “grande bazar da indústria humana, prova patente do poder dos homens aplicados ao trabalho” (*O Farol*, 1851, p.4). De modo contrário, no *Periódico dos Pobres* há uma crítica à Exposição de Londres e, em linguagem irônica, se manifestam sobre o que se poderia ali encontrar:

Meia dúzia de tinteiros de Braga. Um chapéu de pavorosas dimensões, que tem andado em exposição por espaço de seis anos na cabeça de um exército português. Meia dúzia de casacas de Penafiel. Ora em Londres não de estranhar que as pudéssemos dispensar...Todas essas coisas, por certo não de maravilhar, e deixar com cara de parvos todos os altivos bretões, etc...(Periódico dos Pobres, 1851, s/p.)<sup>10</sup>

<sup>10</sup> A matéria é assinada pelas iniciais N. do P. e faz menção que as observações foram extraídas do jornal *Nacional do Porto*.

Mas nestes eventos, não só os correspondentes de jornais e revistas se faziam presentes, os espaços dedicados à educação eram frequentados por professores das localidades próximas e por visitantes "comuns". O público alvo era formado por inspetores e autoridades do ensino que, vindos de diferentes partes do mundo, encontrariam novidades em termos de artefatos e métodos e os disseminariam com a compra ou adoção das ideias em seus lugares de origem. Na imagem a seguir (n.02), por exemplo, consta a divulgação de gravura, publicada em um periódico ilustrado em 1878, que apresenta um modelo de escola sueca que fora erigido, no setor dos edifícios especiais no Jardim Fairmount, na Exposição Internacional da Filadélfia, em 1878.

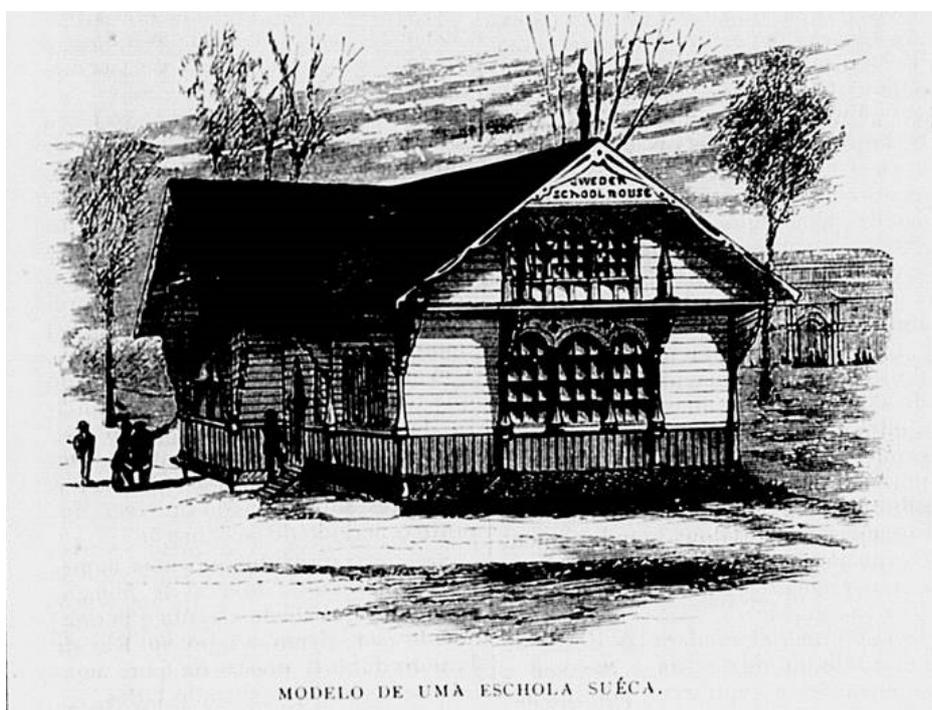


Imagem 2 - Gravura de modelo de uma escola sueca na Exposição da Filadélfia (1878). Fonte: *O Novo Mundo*. New-York/Rio de Janeiro, agosto 1876, p.232.

O periódico *O Novo Mundo* informa que essa divulgação se deve ao fato da Suécia ser compreendida, naquele momento, como o “país da Europa em que se acha mais desenvolvido o sistema de educação primária” (*O Novo Mundo*, 1876, p.233), ao ponto de, segundo as palavras do impresso, na Exposição de Viena (1873) a Suécia ter edificado “casas de escola que custaram 6.000 coroas” e a que “existe em Filadélfia custou 25.000 coroas e o edifício, apesar de simples, é um dos atrativos da Exposição” (idem, p.233, grifos nossos).

Como exposto, dentre os artefatos industriais, o repertório relativo ao universo da educação também compareceu com destaque em algumas Exposições Internacionais. Podemos também agregar, entre as novidades, os Museus Pedagógicos e Escolares como veremos a seguir.

### **Dos Museus Pedagógicos e Museus Escolares**

Ainda que num primeiro olhar se possa entendê-los como sinônimos e muitas vezes se encontra esta recorrência em parte da literatura, entendemos ser oportuno demarcar aqui algumas diferenças entre museu pedagógico e museus escolar. Marília Petry e Vera Gaspar (2013), localizaram informações que ajudam a situar o leitor. Referindo-se aos museus com funções escolares as autoras indicam:

Numa ligeira incursão por parte da literatura educacional do final do século 19 e início do século 20, pode-se distingui-los da seguinte maneira: o primeiro - escolar -, alojado dentro das instituições educativas, deveria servir a professores e a alunos para a realização de estudos pautados no concreto, isto é, agregar um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva. O segundo - pedagógico - caracteriza-se como um centro de formação para professores, onde seriam desenvolvidos, testados, apresentados e difundidos novos métodos, mobiliários e instrumentos didáticos. A distinção entre estes termos pode ser encontrada num conjunto importante de textos da literatura pedagógica, como no dicionário dirigido por Buisson (1887, 1911), no editado por Monroe (1926), no texto de Frazão, que compõe as atas do Congresso de Instrução Pública (1884 *apud* Vidal, 1999) e no artigo de Lemos (1923)<sup>11</sup> (PETRY; GASPAR da SILVA, 2013, p. 82)

Se os museus escolares se colocam como recurso didático para a atividade pedagógica, os pedagógicos seriam centros de formação por onde circulariam "novidades pedagógicas", subsídios teóricos para o aperfeiçoamento do professorado - o que, como exemplo, poderia acontecer através de conferências ou de publicações específicas e, o que mais nos interessa aqui, funcionariam como importante canal de difusão de produtos a serem consumidos por este grande público em franca expansão - o público escolar.

---

<sup>11</sup> Nota do original. No desejo de facilitar o acesso optamos por transcrever as referências completas: BUISSON, Ferdinand. *Musées scolaires*. In: BUISSON, Ferdinand (directeur). *Dictionnaire de pédagogie et d'Instruction primaire*. Paris: Librairie Hachette, 1887, pp. 1991-1993. BUISSON, Ferdinand. *Musées scolaires*. In: BUISSON, Ferdinand (directeur). *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction primaire*. Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, v. 2, 1911, pp. 1376-1378. MONROE, Paul. *Museums educational & museums school*. In: MONROE, Paul. *A cyclopedia of education*. New York: The Macmillan Company, v. 4, 1926. pp. 336-341. Frazão *Apud* VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século 19. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Org.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, pp. 107-116. LEMOS, Álvaro Viana de. Centro de cultura para professores: bibliotecas e museus. *Revista Escolar*, v. 3, n. 4, p. 97-105, 1923..

Tanto os Museus Pedagógicos como os Escolares tiveram nas Exposições Universais espaços modelares de inspiração e os produtos ali expostos e comercializados prometiam aliar quem os tinha à modernidade tão almejada na virada de século XIX e início do XX. Como vitrine singular a favor da indústria, as Exposições Universais ganham projeção, investimentos de grande monta e setorizam a comercialização de produtos, incluindo aqueles destinados a escola de massas. Se no Quadro n. 2, apresentado anteriormente, foi possível visualizar um percurso cronológico das Exposições Universais, o que segue registra a criação de Museus Pedagógicos em diferentes países. Interessamos realçar a sincronia entre os dois movimentos Exposições Universais e Museus Pedagógicos, ambos iniciando em 1851, um em Londres / Inglaterra, outro em Stuttgart / Alemanha, ambos emergindo em berços do mundo industrial.

Quadro 3 - Relação dos Museus Pedagógicos criados entre 1850-1906

Lugar	Nación	Año	Lugar	Nación	Año
<b>Stuttgart</b>	Alemania	1851	<b>Gotha</b>	Alemania	1889
<b>Hambourg</b>	Alemania	1855	<b>Monevideo</b>	Uruguay	1889
<b>Toronto</b>	Canadá	1857	<b>Bozen</b>	Austria-Hungría	1889
<b>Londres</b>	Inglaterra	1857	<b>Praga</b>	Austria-Hungría	1890
<b>Saint-Petersbourg</b>	Rusia	1864	<b>Kiel</b>	Alemania	1890
<b>Leipzig</b>	Alemania	1865	<b>Breslan</b>	Alemania	1891
<b>Viena</b>	Austria-Hungría	1872	<b>Hildesheim</b>	Inglaterra	1891
<b>Roma</b>	Italia	1874	<b>Londres</b>	Inglaterra	1892
<b>Zürich</b>	Suiza	1875	<b>Wofenbüttel</b>	Alemania	1892
<b>Munich</b>	Alemania	1875	<b>Hanovre</b>	Alemania	1892
<b>Berlín</b>	Alemania	1875	<b>Bamberg</b>	Alemania	1896
<b>Donauwoerth</b>	Alemania	1876	<b>Posen</b>	Alemania	1897
<b>Berlín</b>	Alemania	1877	<b>Rixdorf</b>	Alemania	1897
<b>Magdebourg</b>	Alemania	1877	<b>Hambourg</b>	Alemania	1897
<b>Budapest</b>	Austria-Hungría	1877	<b>Laibach</b>	Austria-Hungría	1898
<b>Amsterdam</b>	Holanda	1877	<b>Belgrado</b>	Yugoslavia	1898
<b>Tokio</b>	Japón	1878	<b>New York</b>	EE.UU.	1900
<b>Berna</b>	Suiza	1878	<b>Oldembourg</b>	Alemania	1900
<b>París</b>	Francia	1879	<b>Frncfort-sur-le-Mein</b>	Alemania	1900
<b>Bruselas</b>	Bélgica	1880	<b>Cologne</b>	Alemania	1901
<b>Palermo</b>	Italia	1880	<b>Agram</b>	Austria-Hungría	1901
<b>Regensbourg</b>	Alemania	1880	<b>Lausanne</b>	Suiza	1901
<b>Washington</b>	EE.UU.	1881	<b>Christiania</b>	Noruega	1901
<b>Genes</b>	Italia	1881	<b>Brême</b>	Alemania	1902
<b>Koenigsberg</b>	Alemania	1881	<b>Viena</b>	Austria-Hungría	1903
<b>Augsbourg</b>	Alemania	1882	<b>Kolberg</b>	Alemania	1904
<b>Graz</b>	Austria-Hungría	1882	<b>Stade</b>	Alemania	1904
<b>Rio de Janeiro</b>	Brasil	1883	<b>Straubing</b>	Alemania	1904
<b>Lisboa</b>	Portugal	1883	<b>Dresde</b>	Alemania	1904
<b>Madrid</b>	España	1884	<b>Danzig</b>	Alemania	1904
<b>Fribourg</b>	Suiza	1884	<b>Sofía</b>	Bulgaria	1905

<b>Copenhague</b>	Dinamarca	1887	<b>Atenas</b>	Grecia	1905
<b>Neuchâtel</b>	Suíza	1887	<b>Lucerne</b>	Suíza	1905
<b>Aarhus</b>	Dinamarca	1887	<b>Saint-Louis</b>	EE.UU.	1905
<b>Buenos Aires</b>	Argentina	1888	<b>Gleiwitz</b>	Alemania	1905
<b>Innsbruck</b>	Austria-Hungria	1888	<b>Postdam</b>	Alemania	1905
<b>Rostock</b>	Alemania	1888	<b>Dresde</b>	Alemania	1905
<b>Jena</b>	Alemania	1889	<b>Wurzburg</b>	Alemania	1905

Fonte: Ángel García del Dujo, *Museo Pedagógico Nacional (1882-1941): teoría educativa y desarrollo histórico*. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 179-181, 1985. (Datos de Max Hübner. *Die ausländischen Schulmussen*. Alemania: Breslan, 1906, recogido por M. Pellisson, *Musées Pédagogiques*, en F. Buisson, *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction Primaire*. Paris: Librairie Hachette et Cie, p. 1367-1376, 1911). Apud: MUNAKATA, Kazumi; BRAGHINI, Katya M. Z.<sup>12</sup>, p. 3-4, 2014.

Este quadro (n.03), localizado em recente texto de Kazumi Munakata e Katya Braghini (2014, p. 2-4) retrata a profusão da ideia e a força política e comercial que a impulsiona<sup>13</sup>. Os autores indicam, com base nos dados apresentados, que

(...) entre 1851 e 1905 criaram-se mais de 70 museus pedagógicos pelo mundo, abrangendo regiões e países não apenas da Europa e da América do Norte, mas também Japão (1878), Brasil (1883), Argentina (1888) ou Uruguai (1889). Essa rápida e ampla circulação da proposta desse equipamento pedagógico e sua apropriação pelas instituições educacionais dessas localidades inviabiliza qualificar esse processo como “influência” e “transplante” de ideários do “centro” para “periferia”, sendo mais apropriada a abordagem da história transnacional. (MUNAKATA; BRAGHINI, 2014, p. 1)

Para Martin Lawn (2013), a presença dos Museus Escolares está conectada com a entrada em cena do ensino pelas lições de coisas. Segundo o autor, a forma de compor estes museus, para o caso da Inglaterra, era diversificada, mas em todos os casos havia a necessidade de organização de um espaço no qual se pudessem armazenar os materiais recolhidos, garimpados, comprados ou ganhos. Uma das formas de se compor os museus seria pela ajuda de empresas que disponibilizariam amostras grátis de seus produtos.

### **Objetos de utilidade prática para o ensino elementar e tecnologias que portam**

Como temos reiterado, o alargamento do acesso das crianças à escola provocado, em grande parte, pela aprovação das leis de obrigatoriedade escolar, implicou a constituição

<sup>12</sup> Agradecemos a Katya M. Z. Braghini o acesso a este texto. O quadro foi por nós reorganizado para efeitos de visualização, mantendo o conteúdo registrado por Munakata e Braghini.

<sup>13</sup> Os autores se valem desta proliferação para advogar a favor da abordagem da história transnacional, nos termos operados por Gabriela Ossenbach e María del Mar del Pozo e indicam como publicação o artigo *Postcolonial models, cultural transfers and transnational perspectives in Latin America: a research agenda*. *Paedagogica Historica*, v. 47, n. 5, p. 581-582, oct. 2011..

de um aparato que materializaria os projetos de escolarização. Ainda que se observem diferenças no modo de operacionalizá-los há similaridades que saltam aos olhos, como estabelecimento da necessidade de locais especialmente destinados para este fim, definição de horários, de conteúdos, de diretrizes para formação de professores e do aparato pedagógico como quadro-negro ou de ardósia, lousas, mapas, globos, penas entre outros.

Segundo Martin Lawn e Ian Grosvenor (2013) as escolas inglesas viveram inicialmente dentro de uma cultura do “fazer e emendar<sup>14</sup>” na qual a escola:

Sobreviveu sem um poder de compra significativo, encontrando deste modo soluções que não envolviam despesas, e assim conservou e reutilizou todos os materiais encontrados. Era uma economia de escambo, e, acima de tudo, isso simbolizava uma cultura, denominada em algumas regiões pela expressão ‘fazer e emendar’. Os professores representavam um tempo em que as pessoas resolviam seus problemas de trabalho criando as suas próprias soluções – uma abordagem artesã - e uma economia escolar que não tinha recursos financeiros significativos. (LAWN; GROSVENOR, 2001, p. 125, Apud LAWN, 2013, p. 235)

Ainda seguindo na reflexão de Martin Lawn, na Inglaterra da virada do século XIX para o XX as "revistas que foram produzidas para os professores ofereciam soluções práticas para a falta de recursos..." (LAWN, 2013, p. 235). A industrialização de parte destes objetos surgia como solução e asseguraria, inclusive, a ampliação da rede de escolas. Grande parte dos objetos com estas funções materializaram progressos tecnológicos importantes que irão estabelecer um vínculo nada desprezível entre a escola, a indústria e a inovação tecnológica.

Divulgados e comercializados nas Exposições os apetrechos materiais assumem uma “utilidade prática no ensino elementar” (O Paiz/RJ, 15/05/1890, p.3) que, além de apoiar a atividade pedagógica também educam para o consumo de produtos industrializados. São ardósias, penas, livros, quadros parietais, carteiras modernas, “mapas de todas as nações do globo, fotografias dos edifícios das principais escolas da Europa e América, esferas, instrumentos de química, física e astronomia, bustos, estampas, coisas naturais e artefatos humanos, figuras geométricas e trigonométricas, uma infinidade de pinturas a crayon, nanquim, aquarela e óleo...” (idem). Um conjunto de objetos, que utilizados como “condutores de uma suposta modernidade” (SCHRIEWER, 2000), corroboram em um processo de debates acerca dos modelos de escolarização para a infância.

---

<sup>14</sup> Embora se tenha traduzido assim, no texto temos indicativos de que seria uma espécie de escambo.

Um dos itens do aparato material que conformaria a escola é o mobiliário e nele as carteiras escolares se transformariam em ícones, objetos que sozinhos representam a escola. Mobiliário e carteiras escolares irão compor uma agenda de debates e integram catálogos de fabricantes que passam a circular nas exposições universais, nos jornais e periódicos.

**MANUAL DE OBJECTOS DE ESCHOLA,**  
Com mais de 400 illustrações.

Contém explicações sobre mais de 4.000 artigos de uso escolar. Illustra Apparehos e Letras para demonstrar os exemplos. Livros, Quadros, Globos, Apparehos para escolas infantis denominadas "Kindergarten"; Mapas, Artigos de exercicio gymnastico, Jogos demonstrando objectos, em madeira, e Livros de Exercicio—os melhores que existem.

**MOBILIAS MODERNAS E DE GOSTO PARA ESCHOLAS,**  
Escrevaninhas de \$400 para cima, e em summa o que se usa em escolas.  
Remette-se para qualquer paiz mediante \$1.00 por exemplar.

**As Nossas Escrevaninhas d'Assemblea e Bancos**  
Combinam a patente de Munger e a de Allen, denominada "De Assento de Opera."

São economicos tanto em preço como no espaço que occupam; são reforçados e singelos em construção; fazem-se para tornal-os em "assento de reuniões" quando estiverem servindo de mesa de escripta e assento na escola. Estão sendo muito apreciados. Quando estão fechados d'uma vez não occupam mais que 1 pé de largura, deixando assim bastante espaço aos discipulos para os exercicios gymnasticos, passagem, etc. etc.

Esta mobilia se adapta especialmente ao transporte. Está sendo muito usada em toda a America do Norte e vantajosamente acreditada em varios paizes da America do Sul.

**J. W. SCHERMERHORN & CO., fabricantes.**  
14 Bond Street, New York.

Imagem 3 - Anúncio de escrivaninhas e bancos escolares em periódico em circulação no Brasil. Fonte: *O Novo Mundo*. New York-Rio de Janeiro, 23 de abril de 1876, p.162.

Parte significativa deste debate estará a cargo dos médicos higienistas que passam a analisar e prescrever modelos que evitariam problemas infantis que poderiam ser traduzidos como "doenças dos escolares" como lordose, escoliose e miopia. A esse respeito, por exemplo, a revista *Gazeta Médica* em 1878 apresenta uma extensa matéria sobre higiene escolar e afirma (com base nos estudos do oftalmologista Hermann Cohn), que a "deficiência de luz, e a má disposição da mobília escolar eram as causas principais do desenvolvimento da miopia nas classes escolares" (*Gazeta Médica*, 1878, p.293).

Neste contexto de debates acerca das questões pedagógicas e do mobiliário escolar, é recorrente encontrarmos referências aos estudos e conferências de Monsieur Bagnaux<sup>15</sup>. Em conferência proferida aos professores delegados participantes da Exposição

<sup>15</sup> A conferência de M. de Bagnaux foi publicada em volume intitulado *Conférences pédagogiques faites à la Sorbonne*, en août 1878, aux instituteurs délégués; Paris: Hachette et Delagrave, 2<sup>e</sup> édition. Para saber mais acesse *Les Sciences de l'éducation - Pour l'Ère nouvelle* 2010/4 (v.43). Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-les-sciences-de-l-education-pour-l-ere-nouvelle-2010-4-page-123.htm#no3>>. Acesso em: 07 set. 2016.

Universal de 1878, realizada em Paris, Monsieur Bagnaux apresenta modelos produzidos em diferentes países conforme ilustração abaixo. São objetos de utilidade prática para o ensino elementar que portam diferentes tecnologias e representariam, de alguma forma, o estágio de desenvolvimento industrial, para o setor, destes países. São diferentes formas de trabalhar a madeira com encaixes, articulações, apoio para os pés como forma de proteger da umidade e do frio, além de acomodar melhor o corpo das crianças, espaços para guardar os materiais e liberar a mesa que abrigaria livros e os suportes de escrita (lousas e cadernos, por exemplo), inscrição de símbolos como vemos no caso do modelo belga.

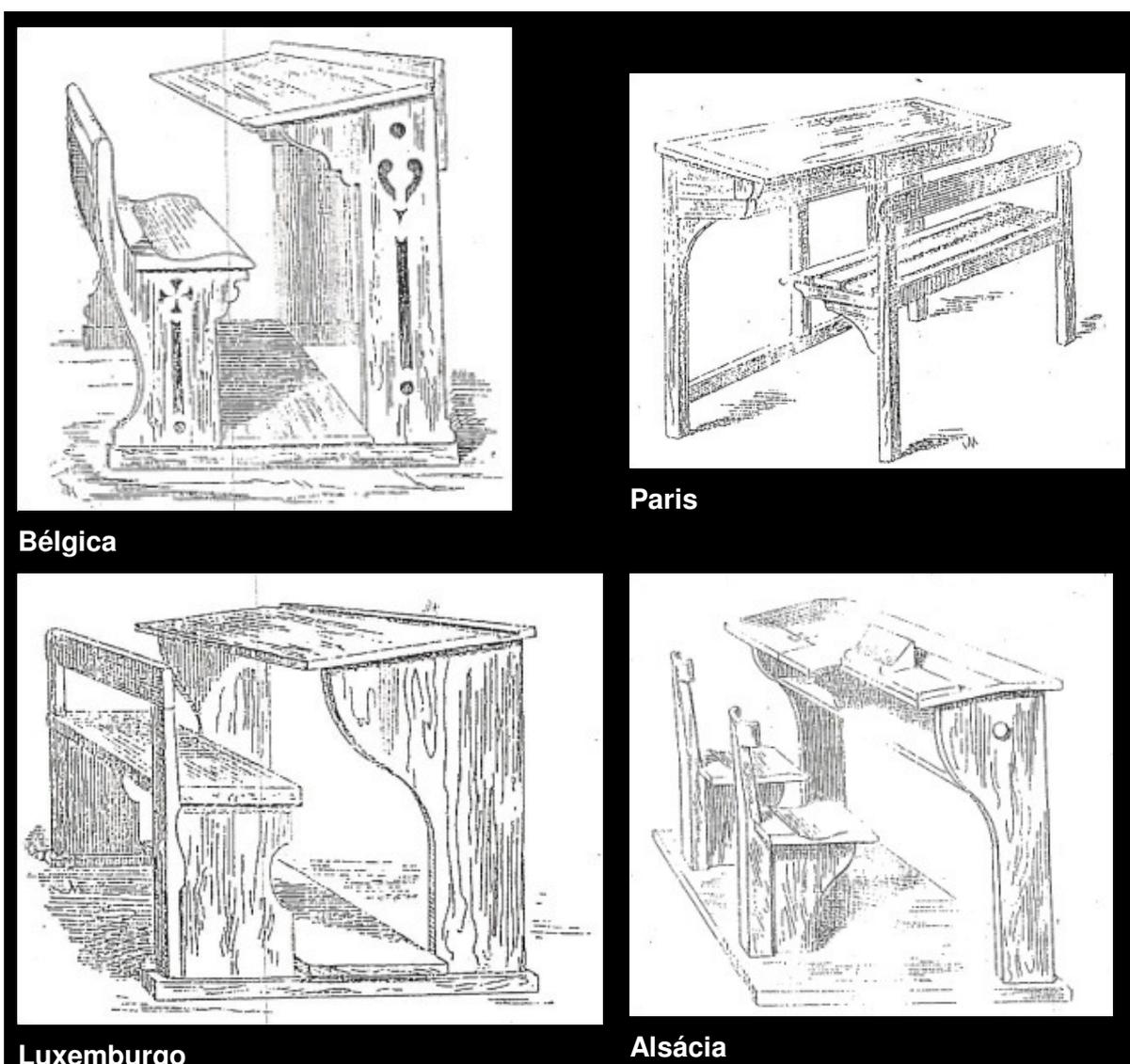


Imagem 4 - Modelos de carteiras escolares. Fonte: DE BAGNAUX, J.. Conférence sur le mobilier de classe, le matériel d'enseignement et les musées scolaires, faite aux instituteurs delegues à l'Exposition Universerselle de 1878, p.9.

Os Manuais Pedagógicos, elaborados para subsidiar a formação de professores e, em grande parte, adotados nas Escolas Normais, também trazem indicações dos materiais que deveriam compor as escolas e as salas de aulas. Considera-se esta uma fonte que amplia o leque de recursos interpretativos acerca da dimensão material sugerida (ou prescrita) às escolas e de seus usos. Acompanhando António Carlos Correia e Vivian Batista da Silva, entende-se que esses livros

[...] manifestam rituais das aulas ministradas junto aos normalistas e, principalmente, fazem circular determinados saberes, procedimentos e actividades que deverão ser reproduzidos pelos estudantes quando do exercício do magistério. Definem-se assim regras tidas como ideais para se conduzir o ensino ou, em outras palavras, delimitam-se rituais ou ritos específicos da escola (SILVA, 2002, p.3).

O "*Curso Prático de Pedagogia: Destinado aos Alunos-Mestres das Escolas Normas Primarias e aos Instituidores em Exercício*", de autoria do francês Jean Baptiste Daliguault (1811-1894), então diretor da escola de Alençon (França), publicado originalmente na França em 1851 pela editora parisiense *Dezobry et E. Magdeleine*, vai ter grande circulação sendo que no Brasil ganhará ao menos duas traduções (1856/Santa Catarina e 1865/Pernambuco). Neste Manual, o autor investe na apresentação de uma relação dos principais objetos que deveriam compor a mobília (é assim que aparece no original) de uma escola dirigida pelo "método mixto ou simultâneo". São eles:

- 1º Estrado...{ mesa e cadeira do professor;
- 2º Carteiras {Tinteiros. Ardósias. Caixetas;
- 3º Indicador;
- 4º Campainha;
- 5º Porta-pennas;
- 6º Quadros pretos envernizados;
- 7º Quadros de leitura e outros;
- 8º Ponteiros dos repetidores;
- 9º Cabides;
- 10º Taboinha de sahida;
- 11º Armario;
- 12º Relogio;
- 13º Crucifixo;
- 14º Fogão;
- 15º Thermometro." (DALIGAULT, 1874, p. 49-50)

Temos aqui um conjunto de objetos de utilidade prática para o ensino elementar que expressam determinado desenvolvimento tecnológico, além de indicarem marcadores importantes e elementos da organização pedagógica. Sem o desenvolvimento de tecnologias que permitiram a fabricação em larga escala, não seria possível ter nas

escolas, cujo número se alargava consideravelmente já neste período, esta diversidade de artefatos. Temos marcadores de tempo como campainha, ponteiros dos repetidores e relógios<sup>16</sup>. Também é possível localizar um indicativo de organização da sala de aula: o estrado sobre o qual o professor faria a exposição das lições com apoio dos Quadros pretos envernizados e Quadros de leitura e outros. Temos o indicativo da prática de leitura e da escrita representada pelos tinteiros e ardósias<sup>17</sup>. Aliás, no caso da leitura e da escrita a busca por invenções para melhorar o processo chega a elaborações engenhosas, como é o caso de uma máquina desenvolvida em finais do século XIX como relata Isabel Frade,

(...) uma máquina para alfabetizar buscando inovação em formato/aparelhos para melhorar o processo de ensino da leitura. Trata-se do Eletrodidascolo, invenção de Isidoro Pinho com cilindros que se movem por atração magnética para operar combinações em montagens de frases e historietas. O aparelho teria sido testado perante Ruy Barbosa, tradutor e adaptador da obra *Lições de Cousas*, de Calkins (FRADE, 2016, p.429).

Ainda segundo Isabel Frade, esta obra seria anunciada na Revista de Ensino de Ouro Preto de 28 de fevereiro de 1887, como forma de aplicação da eletricidade ao ensino. Aliás, a obra *Lições de Cousas* será um importante recurso para disseminação do método intuitivo que, segundo Vera Valdemarin, possibilitou colocar as crianças em contato com um modelo de sociedade, a sociedade capitalista.

(...) Iniciando as lições sobre as formas com os objetos presentes no cotidiano das crianças, o programa de ensino progride até chegar a objetos industrializados ou elementos naturais, isto é, fabricados ou postos a serviço do homem. Nessa seqüência de lições, é possível identificar a ênfase dada a um modelo social específico, qual seja, aquele pautado no trabalho industrial, portador de um modelo formativo que tem a racionalidade e a produção de objetos e mercadorias como seus valores prioritários (VALDEMARIN, 2004, p. 131).

---

<sup>16</sup> Sobre este tema Suzana Grimaldi Machado está desenvolvendo pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC – (Curso de Mestrado), articulada ao Projeto de Pesquisa "Objetos em Viagem: Discursos pedagógicos acerca do provimento material da escola primária em países ibero-americanos (1870 - 1920)" (CNPq / CAPES / FAPESC / UDESC).

<sup>17</sup> Sobre este tema sugerimos a leitura do texto Isabel Cristina Alves da Silva Frade: Materiais utilizados para ensinar a ler e escrever no Brasil: significados e pragmática (1840-1960) (In: CASTELLANOS, Samuel Velázquez & CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). *Livro, Leitura e Leitor: Perspectiva histórica*. 1 ed. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, p. 421-448, 2016). Nas palavras da autora, neste artigo ela "problematiza formatos e modos de apresentação de materiais para o ensino das primeiras letras desde o final da década de 1830 até 1960, considerando os suportes (cartas, tabelas, tábuas, folhetos, livros, cartazes), sua possível pragmática, o modo de produção/reprodução (manuscrito, impresso) e a organização de suas páginas." (p. 422).

Diante do exposto, nos cabe reafirmar a potencialidade das análises acerca da materialidade pedagógica e sua articulação entre os museus pedagógicos e escolares e as exposições internacionais, assim como com as feiras nacionais que foram realizadas no percurso de meados do século XIX e XX. Estas feiras, como indicado no texto, condensariam muitos dos avanços tecnológicos e os popularizariam. Ao mesmo tempo, nos interessa também indicar como caminho investigativo e de análise de iniciativas de várias províncias brasileiras com relação ao provimento material das escolas e a criação de museus pedagógicos e escolares.

## Referências

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, p.13-28, 2002.

DITTRICH, Klaus. As exposições mundiais como meios para a circulação transnacional de conhecimentos sobre o ensino primário durante a segunda metade do século 19. *Revista História da Educação*, v. 17, n. 41. set/dez, p. 213-234, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/36019>>. Acesso em: 30 set. 2016.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Materiais utilizados para ensinar a ler e escrever no Brasil: significados e pragmática (1840-1960). In: CASTELLANOS, Samuel Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). *Livro, Leitura e Leitor: Perspectiva histórica*. 1 ed. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, p. 421-448, 2016.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; CARDOSO da SILVA, Carolina Ribeiro; GRIMALDI MACHADO, Suzana. Leituras Recomendadas: Manuais Pedagógicos na formação de professores do Ensino Primário. In: CASTELLANOS, Samuel Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). *Livro, Leitura e Leitor: Perspectiva histórica*. 1 ed. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, 2016. p. 379-399.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; VALLE, Ione Ribeiro. Obrigatoriedade Escolar em Santa Catarina: Da obrigatoriedade pela força à força da obrigatoriedade. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SA, Elizabeth Figueiredo de; GASPAR da SILVA, Vera Lucia (Orgs.). *Obrigatoriedade Escolar no Brasil*. 1. ed. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso EdUFMT, 2013. p. 303-319.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Objetos em viagem: discursos pedagógicos acerca do provimento material da escola primária (Brasil e Portugal, 1870 - 1920). *Revista Brasileira de História da Educação*, v.13, p. 207-233, 2013. Disponível em: <<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/rbhe.2014.010>>. Acesso em: 07 set. 2016.

HORTA, J. S. B. Direito à educação e obrigatoriedade escolar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 104, p. 5-34, julho, 2013.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 222 – 243,

jan.jun. 2013. Disponível em:  
<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013222/2541>>  
. Acesso em: 27 ago. 2016.

MUNAKATA, Kazumi; BRAGHINI, Katya M. Z.. Fontes para a história da educação dos sentidos, numa abordagem transnacional. In: XVIII Jornadas Argentinas de Historia de la Educación, 2014, General Sarmiento. *Historia de la educación: usos del pasado y aportes a los debates educativos contemporáneos. Anais...* General Sarmiento: Sociedad Argentina de Historia de la Educación, 2014. p. 1-11.

NÓVOA, António Manuel Sampaio da. *La construction du «modèle scolaire» dans l'Europe du Sud-Ouest (Espagne, France, Portugal) Des années 1860 aux années 1920*. Thèse de Doctorat d'Histoire. Paris: Université Paris IV – Sorbonne - École Doctorale d'Histoire Moderne et Contemporaine - Centre d'Histoire du XIXe siècle, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *Exposições Universais: Espetáculos da modernidade do Século XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2007.

PETRY, Marília Gabriela; GASPARD da SILVA, Vera Lucia. Museu Escolar: Sentidos, propostas e projetos para a escola primária (Séculos 19 e 20). *Revista História da Educação* [Online]. Porto Alegre v. 17 n. 41, p. 79-101, Set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/heduc/v17n41/06.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

SCHRIEWER, Jürgen. Estados-Modelo e Sociedades de Referência: externalização em processos de modernização. In: NÓVOA, Antonio; SCHRIEWER, Jürgen (Eds). *A Difusão Mundial da Escola*. Lisboa: EDUCA, 2000. p. 103-120.

SOUZA, Gizele de. História da Educação Infantil no Brasil: lugares, propósitos e ações que conformaram o jardim de infância e a creche como espaços de educação das crianças. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; ARAÚJO, Vania Carvalho de. (Orgs.). *História da Educação e da Assistência à Infância no Brasil*. 1ed.Vitória: EDUFES, 2011, v. 8, 2014. p. 245-272.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). *Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

VALDEMRIN, Vera T. *Estudando as lições de coisas: estudo sobre os fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo*. Campinas: Autores Associados, 2004.

VEIGA, Cynthia Greive. Cultura material escolar no século XIX em Minas Gerais. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000. p.1-9.

VEIGA, Cynthia Greive. A materialidade das escolas nas primeiras décadas republicanas e desigualdades das condições de infância (Minas Gerais, 1906-1927). In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015, Maringá. *Anais...* VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015. p. 1-15.

VIDAL, Diana Gonçalves. Faces da obrigatoriedade escolar: lições do passado, desafios do presente. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SA, Elizabeth Figueiredo de; GASPARD da SILVA, Vera Lucia (Orgs.). *Obrigatoriedade Escolar no Brasil*. 1. ed. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso EdUFMT, 2013. p. 11-20.

VIDAL, Diana Gonçalves. A invenção da modernidade educativa: circulação internacional de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler,

MARIANO, Serioja (Orgs.). *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 39-58.

VIDAL, Diana Gonçalves; SA, Elizabeth Figueiredo de; GASPARG da SILVA, Vera Lucia (Orgs.). *Obrigatoriedade Escolar no Brasil*. 1. ed. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso EdUFMT, 2013.

VINAGRE, Shirley Alves da Silva. A obrigatoriedade escolar na Bahia (1870-1899). *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, 2014. Disponível em: <<http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/1105151510.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

## Fontes

DE BAGNAUX, J (1879). *Conférence sur le mobilier de classe, le matériel d'enseignement et les museés scolaires, faite aux instituteurs delegues à l'Exposition Universerselle de 1878*.

DALIGAUULT, Jean Baptiste. *Curso Práctico de Pedagogia*: Destinado aos Alunos-Mestres das Escolas Normaes Primarias e aos Instituidores em Exercício. Traduzido por Joaquim Pires Machado Portella. 2. ed. (Melhorada pelo traductor e acompanhada da tradução de uma Lição de Mr. Dumouchel sobre Methodos). Rio de Janeiro: Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho (Editor), 1874. (Coleção "Paulo Bourroul", doada pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo para a Biblioteca da FEUSP).

DALIGUALT, Jean Baptiste. *Curso Pratico de Pedagogia*. Tradução de Franc de Paulicéia Marques de Carvalho. Desterro: Typografia Ribeiro & Caminha, 1870. Acervo: Biblioteca Central UFSC.

MOREIRA, Carvalho. Transcrição: A Exposição Internacional de Londres em 1862. Relatório do Sr. Conselheiro Carvalho Moreira, Presidente da Comissão Brasileira. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 25 de março de 1864, ano XLIV, n.83.

O Farol. A Exposição. Caxias, 15 de setembro de 1851.

O Farol. A Exposição. Caxias, 27 de setembro de 1851.

O Novo Mundo. A Exposição Internacional de Filadélfia. New-York/Rio de Janeiro, 24 de junho de 1876.

O Novo Mundo. A Exposição de Filadélfia. New-York/Rio de Janeiro, agosto 1876.

O Paiz. A Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1890.

O Publicador. Exposição provincial. 22 de maio de 1866.

Periódico dos Pobres. Uma crítica à Exposição de Londres. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1851.